



Eixos Temáticos

I Seminário Internacional Gênero em Disputa

1 Feminismos negros: diálogos transnacionais sobre gênero, raça e sexualidade

Coordenadoras: Yarlenis Malfran, Regimeire Maciel e Luana Maria de Lima Oliveira

É comum observarmos, nos dias de hoje, algumas disputas entre feminismos negros do Norte e do Sul global. Um dos pontos que vem sendo posicionado no epicentro destas disputas é a interseccionalidade, para algumas perspectivas, já presente no pensamento de Lélia Gonzalez, embora formulado teoricamente por Kimberlé Crenshaw. Apesar de não existir consenso sobre esta disputa, ela evidencia a intensificação dos debates feministas negros, suas possibilidades de trocas e diálogos. Neste sentido, se tornam fundamentais questionamentos tais como: quais são as conexões possíveis entre feminismos negros do Norte e do Sul global? Entender essas articulações é o objetivo deste eixo/tema. Cumpre destacar que os feminismos negros vêm alargando seu léxico teórico e político para além da interseccionalidade, propondo novos dispositivos analíticos para abordar questões de justiça social em diversos contextos. São notáveis os esforços de feministas negras da América latina e do Caribe na elaboração de análises acerca do racismo, das políticas sexuais, as desigualdades de gênero e do colonialismo nos nossos territórios. Lélia Gonzalez, ao compreender as similaridades que nos atravessam como países colonizados nos convida a pensar um feminismo negro para “América Latina”. Feministas negras como Aurora Vergara, reivindicam um feminismo afrodiaspórico enquanto uma agenda emergente do feminismo negro na Colômbia. Este "eixo/tema" tem como propósito acolher essas análises através do diálogo com pesquisas, produções intelectuais e articulações políticas que se situam nesta perspectiva.

2 Comunicação, Feminismos e Gênero

Coordenadoras: Kareen Terenzzo, Natália Blanco, Bianca Pessoa, Eldra La Fonte Albuquerque de Carvalho, Isabel Franca, Luciana Xavier





Ancorado nos estudos feministas e de gênero, e de práticas dos feminismos, o eixo “Comunicação e Feminismos” compreende reflexões, discussões teóricas, pesquisas empíricas e metodológicas; experiências/vivências feministas, situadas no campo da comunicação social, tais como: jornalismo; cinema; audiovisual, fotografia; publicidade e propaganda; comunicação popular, comunitária e/ou alternativa; comunicação interpessoal; estudos de mídia; tecnologias da informação e comunicação; literatura, expressões culturais e artísticas.

Partindo da perspectiva interdisciplinar às abordagens de raça, classe, idade, corporeidades, performatividade de gênero, e interseccionalidade, os trabalhos e relatos podem apresentar debates sobre representações de gênero, construção das feminilidades, masculinidades, de mulheres, dissidências sexuais e de gênero e/ou sujeitos dos feminismos, que dialoguem e estejam localizadas em múltiplas territorialidades – digitais e/ou não-digitais –, e nas mais diversas experiências dos sujeitos ou de coletividades (movimentos sociais, grupos, organizações) em espaços de debate dentro e/ou fora da universidade.

Somado a isso, estimulamos trabalhos e relatos de formas de enfrentamento diante do avanço das políticas e manifestações neoliberais ultraconservadoras – patriarcais, racistas, fascistas – que se materializam em violências físicas, institucionais e simbólicas, ameaçando os sujeitos que vem construindo maneiras de existir, resistir e propor alternativas comunicacionais – mulheres; população LGBTQIA+; população [e juventudes] negra e periféricas; povos indígenas; comunidades tradicionais; pessoas racializadas; pessoas com deficiência; pessoas idosas; pessoas em situação de migração e refúgio; pessoas em vulnerabilidade social; entre outros grupos marginalizados.

3 Masculinidades plurais: das margens ao centro

Coordenadoras: Amanda Recke, Erik Rodrigues das Dores; Lívia Guimarães, Marlos Dick Hermes; Josiane Brito; Patricia Ramos; Pol D. Iryo

Nas últimas décadas, observamos um crescente interesse pelos estudos sobre a categoria





"homem" e as performatividades/práticas das masculinidades no âmbito das pesquisas de gênero, por parte de pesquisadoras de diferentes campos do saber. Esses estudos analisam as maneiras e instâncias pelas quais sujeitos que dialogam, de alguma forma, com a masculinidade constroem suas identidades. Em outras palavras, investigam como os marcadores sociais, dentro de um determinado território e contexto temporal, atuam sobre esses corpos, considerando a multiplicidade como uma característica essencial nas análises.

É inegável que um ideal de masculinidade está em vigor nas sociedades ocidentais: a masculinidade hegemônica. No entanto, apesar desse mito viril permear o imaginário social, outras masculinidades entram em tensão com essa performatividade e crença, assim como as interações na dimensão relacional entre os gêneros, a partir das feminilidades e mulheridades. Por meio de uma análise interseccional — que abrange raça, classe, sexualidade, deficiência, idade, território, etc. —, muitos estudos têm emergido no campo dos estudos de gênero. Deseja-se, ainda, reforçar a vinculação dos estudos sobre masculinidades aos estudos feministas.

Diante desse panorama, propomos a mobilização de pesquisas que reflitam sobre esses processos de construção das masculinidades e seus atravessamentos, tendo como temas norteadores (i) a construção da masculinidade a partir de uma perspectiva hegemônica, dos feminismos negros, dos estudos queer/cuir, das perspectivas de classe, dos estudos pós/decoloniais, do movimento trans e dos estudos críticos da deficiência, bem como a abordagem da territorialidade; (ii) As formas de institucionalização das masculinidades, com ênfase em contextos disciplinares; (iii) Masculinidades e violência; (iv) Espaços de (re)socialização entre homens, incluindo estudos e abordagens com grupos reflexivos para homens autores de violência; (v) Masculinidades, esporte e saúde; relações de reificação e distensão das masculinidades e da heteronormatividade por meio do esporte; (vi) Masculinidades e mídias sociais, discursos masculinistas e antifeministas.

4 Teoria crítica feminista: perspectivas do norte e do sul

Coordenadoras: Nathalie Bressiani, Michele Bonote, Amanda Soares, Jules Bistane, Victória Veloso, Niece Pavani, Julia Moshage





O objetivo deste eixo é discutir, a partir do trabalho de teóricas críticas feministas do norte e do sul global, diferentes formas de conceitualizar a opressão de gênero - tanto no que diz respeito a suas causas sociais como no que se refere a seus efeitos nos processos de subjetivação. Para além disso, o eixo também tem como objetivo analisar e discutir como melhor compreender as práticas de resistência e os potenciais emancipatórios que estão no horizonte das lutas feministas em diferentes momentos históricos.

5 Extensão, Feminismos e contra-colonialidade

Coordenadoras: Bruna Mendes, Fernanda Araujo.

A extensão universitária é fundamental para projetar os vínculos da Universidade com a comunidade e movimentos sociais. Em um contexto de disputa de sentidos, este eixo propõe um espaço de reflexão crítica sobre práticas extensionistas a partir de perspectivas feministas, latino-americanas e contra-coloniais. Diante da curricularização da extensão em alguns países da região, buscamos contribuições que abordem ações com mulheres, populações e movimentos LGBT+s e feministas, além de experiências que transversalizem gênero e raça em suas ações, como aquelas em agroecologia, economia solidária e com organizações populares. Nos interessa refletir como epistemologias e pedagogias feministas e contra-coloniais contribuem para os métodos e premissas da extensão, e vice-versa, fortalecendo processos de resistência e luta, tanto em projetos e ações de extensão, como em pesquisas e disciplinas de caráter extensionistas. Nosso objetivo é discutir formas de construir sentidos feministas e contra-coloniais na extensão universitária, ampliando reflexões sobre suas articulações teórico-políticas, crítica à ciência hegemônica e no enfrentamento de violências epistêmicas e sociais.

6 Identidades e sexualidades dissidentes: Discutindo ativismos e resistências

Coordenadoras: Alberto (beto) Canseco; Bruna Mendes; Carlos Pinheiro; Eldra La Fonte;





Allie Terassi

Atualmente, estamos presenciando o avanço da extrema direita em todo o mundo. Somos testemunhas da multiplicação de discursos de ódio contra determinados corpos e formas de vida, e de políticas de empobrecimento que afetam particularmente certas comunidades. Entre esses corpos e formas de vida, a extrema direita tem dado atenção especial àqueles que, de uma forma ou de outra, transgridem as normas cis-heterossexuais. Esses corpos, entretanto, não permanecem simplesmente no papel de vítimas: sapatonas, bichas, bissexuais, trans, travestis, intersexuais, pessoas não binárias e outras identidades e sexualidades que não se encaixam no modelo de vida cis-hetero se organizam politicamente para neutralizar e conter os efeitos violentos de tal avanço. Esse eixo tem como objetivo discutir, então, essas experiências ativistas, artísticas e/ou reflexões teóricas e epistêmicas que as problematizam a fim de buscar coletivamente respostas para a pergunta: como nós, identidades e sexualidades dissidentes, nos organizamos politicamente para resistir e transformar o contexto atual de ódio, e conseguir assim viver bem?

7 Relações Internacionais, feminismo e gênero

Coordenadoras: Cristine Koehler Zanella, Ana Tereza Lopes Marra de Sousa, Mônica Almeida Peña, Paulo Del Bianco Giuffrida

O eixo “Relações Internacionais, feminismo e gênero” tem como objetivo discutir diferentes estudos realizados a partir das lentes de gênero e feminismo nas Relações Internacionais. Os trabalhos desenvolvidos sob esse enfoque são relativamente recentes no campo disciplinar das Relações Internacionais, porém, diversas pesquisas têm sido produzidas destacando a preocupação com as desigualdades estruturais que marcam o mecanismo de funcionamento de poder nos espaços e nas dinâmicas internacionais. A partir deste cenário, o eixo procura expor e discutir pesquisas que envolvam a pluralidade de abordagens que este recorte propicia. Dentre essas, podem ser citados os limites ontológicos e epistemológicos da disciplina, a dificuldade de inserção feminina nos postos de comando de organismos típicos das relações

Organização





internacionais, o campo da diplomacia visto como palco masculino, as violências de gênero sofridas em razão de migrações internacionais, entre outros assuntos.

8 Gênero e Diversidades em CTEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática)

Coordenadoras: Michelle Sato

A presença de diversidade de gênero nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (CTEM) tem um papel relevante na inovação e no progresso científico, uma vez que tal diversidade promove soluções mais inclusivas, equitativas e inovadoras. No entanto, historicamente, essas áreas têm sido marcadas por desigualdades estruturais que limitam a participação de grupos sub-representados, especialmente mulheres, pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+. Este eixo busca explorar os desafios e avanços na inclusão e equidade dentro dos campos CTEM, abordando questões como a persistência de estereótipos de gênero, barreiras institucionais, políticas públicas de incentivo à diversidade e iniciativas educacionais voltadas para ampliar a participação de diferentes grupos. Além disso, investiga o impacto da diversidade na produção do conhecimento e no desenvolvimento de tecnologias mais inclusivas e acessíveis. Serão discutidos temas como a sub-representatividade feminina e étnico-raciais nas carreiras científicas, a importância de modelos de referência, redes de apoio e mentorias, além das interseccionalidades que moldam as experiências de diferentes grupos no ambiente acadêmico e profissional. Ao destacar a importância da diversidade em CTEM, este eixo contribui para a construção de um ambiente científico e tecnológico mais democrático, inovador e socialmente responsável, garantindo que talentos diversos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e crescimento profissional.

9 Territorialidades, planejamento e gênero

Coordenadoras: San Momm, Rosa Scaquetti, Gabriel Machado Araújo, Rute Alonso, Letícia Ueda Vella





O eixo se propõe a discutir os imbricamentos da dimensão espacial e territorial a partir de um recorte de gênero e suas dissidências, representados nas seguintes expressões das práticas de pesquisa, ensino e ação: das políticas territoriais e arquiteturas que incidem sobre os corpos e suas vivências, como a mobilidade e a moradia; as representações e territorialidades nas dinâmicas espaciais; a condição de vulnerabilidade de determinados corpos, coletividades e populações diante, por exemplo, da emergência climática; a insurgência de práticas de coletivos e organizações que incidem no espaço; a produção de epistemologias e metodologias feministas e dissidentes que tensionam o campo do planejamento.

10 Gênero e Natureza em disputa

Coordenadoras: Anastasia Guidi, Cristiane A. Ayoub, Léa Tosold, Marília Pisani.

Este eixo pretende colocar em discussão a questão da natureza dentro dos estudos de gênero. Sabendo que o conceito de gênero nasce para problematizar a essencialidade e a naturalidade com que se assumem os papéis sociais e a noção mesma de sexo biológico, queremos recolocar este debate levando em conta os desdobramentos das teorias de gênero em articulações com materialismos vitalistas e marginais, a filosofia da biologia, ontologias, os movimentos sociais e a ecologia. Este tema toca no coração de difíceis tensões dentro das lutas sociais hoje, envolvendo a dupla fetichização do natural e/ou do artificial. Como podemos integrar as lutas, num contexto de crises ecológicas convergentes, em uma outra relação com essa palavra tão sobrecarregada que se tornou a “natureza”? Quais práticas estão atuando a partir do cruzamento entre natureza e gênero e que possam inspirar e fortalecer as lutas sociais diversas?

11 História das Mulheres e dos feminismos latino-americanos

Coordenadoras: Cintia Lima Crescêncio e Julia Glaciela da Silva Oliveira.





Os estudos de gênero impactaram fortemente a historiografia, inclusive a própria História das Mulheres, possibilitando não apenas novos olhares sobre as fontes, mas, também, novos temas e abordagens. Deste modo, este eixo tem por objetivo debater a presença feminina e dos movimentos feministas e de mulheres, em diferentes contextos históricos da América Latina, incluindo Brasil, a partir da perspectiva de gênero. Assim, procuramos enfatizar a atuação das mulheres na política, no trabalho, na ciência, nas artes, na educação e nos fluxos migratórios, bem como as estratégias e desafios dos feminismos latino-americanos. Almeja-se, também, discutir o impacto dos discursos conservadores sobre os corpos femininos e os direitos das mulheres; pensando em como estes circulam e são acionados em diferentes espaços, como a imprensa ou as redes sociais. Neste sentido, o eixo busca visibilizar esforços de mapear, tanto a presença feminina, quanto dos diferentes movimentos feministas na História da América Latina e do Brasil.

12 Trabalho, Gênero e Reprodução Social

Coordenadoras: Luci Praun, Maria Caraméz Carlotto, Roberta Guimarães Peres, Joana Salem, Jessica Germine, Regimeire Oliveira Maciel

A teoria da reprodução social é uma fronteira das ciências sociais. Articulando o problema do trabalho reprodutivo aos desafios de pensar as estruturas econômico políticas da dominação e da exploração sistêmica das mulheres, essa abordagem teórica vem se consolidando como um campo em que os esforços para pensar o capitalismo, o neoliberalismo, os autoritarismos e suas contradições se encontram. Neste eixo são esperadas contribuições que coloquem em pauta os desafios teóricos, metodológicos e epistemológicos da teoria da reprodução social. Interessam, portanto, tanto abordagens que privilegiem o debate teórico quanto aquelas que ressaltam aspectos empíricos específicos, da inserção laboral das mulheres no contexto de arranjos não tradicionais em bairros periféricos; das dinâmicas familiares e do trabalho do cuidado; da relação entre precarização do trabalho e feminização das profissões; do uso de plataformas e redes sociais em atividades remuneradas; da relação entre inserção precária e vulnerabilizada e endividamento; da relação entre trabalho, gênero e processos de

Organização





saúde-doença.

13 Gênero e Política

Coordenadoras: Andrea Fernandes, Angélica Fernandes, Giovanna Mayrink e Laura Silva.

O Eixo "Gênero e Política" do I Seminário Internacional de Gênero em Disputa na UFABC busca aprofundar os debates sobre as desigualdades estruturais que afetam a participação das mulheres na política e nas decisões sobre políticas públicas.

A sub-representação das mulheres nos processos políticos decisórios torna-se uma questão verdadeiramente central à dinâmica social, especialmente a partir da intensificação e consolidação do feminismo, em suas diversas variantes, enquanto movimento organizado e teoria crítica. A incorporação das mulheres aos espaços e processos de decisão pressupõe o reconhecimento da contingência de uma série de diferenças historicamente constituídas que, ao serem naturalizadas inclusive discursivamente, acabam por resultar em uma sub-representação feminina.

A partir do mapeamento realizado pelo Projeto Legislativas em 2024, identificamos algumas pesquisas que discutem não apenas a presença feminina nos espaços institucionais, mas também os desafios, violências e condições sociais que influenciam essa trajetória. Este eixo busca explorar as intersecções entre gênero, classe, raça e outros marcadores sociais para entender como o patriarcado e outras formas de opressão impactam a vida das mulheres, especialmente na formulação e execução de políticas públicas.

Com base nos temas de pesquisas encontrados na UFABC, as discussões podem englobar temas como a escolarização feminina no Brasil e seu impacto na política institucional, a violência política de gênero e os desafios enfrentados pelas mulheres que ocupam cargos públicos. Ainda, reformas previdenciárias e seu impacto sobre as mulheres, em especial no que tange à aposentadoria e à inserção da bancada sindical feminina no processo decisório, além de Políticas Afirmativas de gênero nas universidades. Outros temas essenciais incluem a relação entre maternidade e precarização do trabalho, o acesso à segurança hídrica em comunidades vulneráveis e o papel das teorias feministas na emancipação das mulheres em

Organização





situação de violência. Também podem ser exploradas propostas de políticas afirmativas que contribuam para a redução das desigualdades de gênero e fortaleçam a representatividade feminina.

14 **Maternagem e Parentalidades: cuidado, famílias e políticas públicas**

Coordenadoras: Arlene Martinez Ricoldi; Michelle Sato; Marli Palomares Tambara, Bruna dos Santos Gonçalves e Viviane dos Santos Pereira

O eixo procurará abrigar trabalhos que se voltem para a análise das múltiplas formas de exercício da maternidade e da maternagem (cuidados dedicados à prole, independentemente do vínculo biológico maternal), por diferentes sujeitos e a partir de diferentes bases culturais, que considerem raça/etnia, classe, geração e deficiências, de mães, cuidadores e filhos. As maternidades atípicas, ainda pouco estudadas, têm especial interesse. A parentalidade estará em foco, especialmente em trabalhos que procurem investigar como ser mãe e ser pai constitui representações, estereótipos e modelos tradicionais de feminilidades e masculinidades. Há interesse também em compreender as recentes articulações políticas em torno da maternidade, como grupos de pais e mães em universidades, redes como a Parent in Science e análogas ou mobilizações em torno de reivindicações de políticas públicas de conciliação família e trabalho. Também serão bem vindas reflexões a partir de formas consideradas alternativas, subalternas ou não-hegemônicas de parentalidades, de natureza teórica ou empírica.

15 **Corpo, Identidade e Sexualidade – Interseccionalidades entre Gênero e Deficiência**

Coordenadoras: Diego Monteiro Gomes de Campos, Arlene Martinez Ricoldi, Juliana Cristina Barbosa do Amaral, Diego Monteiro Gomes de Campos, Diogo dos Santos Souza

Este eixo propõe a desnaturalização dos corpos com deficiência, analisando sua dimensão





identitária e as normatividades que regulam gênero e sexualidade. Serão problematizadas as significações de gênero em corpos com deficiência, considerando como discursos culturais e sociais influenciam a construção dessas identidades. Para isso, investigaremos a presença e a ausência dessas representações nas artes – cinema, literatura, teatro e música –, assim como em fotografias, esportes, mídias e redes sociais, evidenciando as disputas simbólicas em torno da visibilidade e da legitimidade desses corpos.

Também discutiremos as interdições impostas à sexualidade e à autonomia reprodutiva das pessoas com deficiência, abordando como o capacitismo estrutura a negação do prazer e do desejo, muitas vezes restringindo seus direitos e possibilidades de vivência afetiva e sexual, principalmente para gêneros e sexualidades dissidentes. A partir dessa perspectiva, analisaremos como diferentes instituições (família, escola, igreja, militância), relações (trabalho, lazer, afetividade) e serviços (saúde, assistência social, justiça) reafirmam desigualdades ou criam espaços de resistência e emancipação.

A Teoria Crip será apresentada como uma ferramenta crítica fundamental para questionar as normatividades que regulam os corpos e suas experiências, possibilitando novas leituras sobre autonomia, desejo e resistência ao capacitismo. Ao longo do eixo, refletiremos sobre as potencialidades dessa abordagem para repensar políticas, práticas e representações sociais, promovendo uma compreensão mais ampla e interseccional da deficiência e de suas interações com gênero e sexualidade.

Temos interesse também em produções, mesmo que em estágios iniciais, que problematizam os impactos dessas intersecções na vida cotidiana, nas políticas públicas, nas práticas institucionais e nas representações sociais. Serão especialmente bem-vindos trabalhos que contribuam para o aprofundamento das discussões desse campo de estudos, fortalecendo as reflexões sobre normatividades, direitos e experiências vividas.

16 Gênero, saúde e menstruação: a transdisciplinaridade para enfrentar desafios globais sobre corpo, desigualdades e acesso a direitos fundamentais.

Coordenadoras: Letícia Santos e Luara Spínola





A pauta da dignidade menstrual tem sido pouco atendida na esfera das políticas públicas, mas este cenário está mudando conforme ativistas menstruais se posicionam como feministas em luta, constroem ações territoriais e denunciam a violação de direitos humanos decorrente do tabu menstrual e de sua relação com as desigualdades de gênero.

Com o objetivo de promover espaços para trocas, pesquisa e atuação social com abordagem feminista, este eixo abará a temática da dignidade menstrual sob o viés dos Estudos Menstruais Críticos e aceitará trabalhos em uma gama ampla de apresentações: relatos de ativismos menstruais, práticas de enfrentamento ao tabu e transformação de narrativas menstruais, menstruação em vivências trans e não binárias, trabalhos teóricos, ações em Educação Menstrual e intersecções entre feminismos e a pauta da dignidade menstrual.

Historicamente, a saúde é uma área que se destaca na produção de estudos sobre a menstruação, especialmente sob um viés patologizador que exerce controle sobre quem menstrua. Neste eixo, pretendemos abordar a discussão desde o ponto de vista do acesso universal à saúde em uma abordagem integrada e unificadora que visa equilibrar e otimizar de forma sustentável a saúde de pessoas, animais e ecossistemas, que envolvem os desafios da saúde global e da sustentabilidade com enfoque em ciências humanas e sociais, incluindo temáticas que tangenciam corpos menstruantes, mas que não são a menstruação, como a abordagem da saúde única que engloba a interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental; da saúde global e sustentabilidade; das pandemias e desigualdades; dos direitos humanos e os serviços de saúde coletiva.

Reconhecendo as interrelações entre os sistemas e a necessidade de colaboração multissetorial e transdisciplinar para enfrentar os desafios globais da sociedade, serão bem vindos trabalhos nas áreas de saúde, psicologia, políticas públicas, antropologia, ciências humanas e sociais e educação.

17 Gênero, Sexualidade e Violência

Coordenadoras: Roberta Moya Oliveira e Fernanda Darcie Cambaúva

As questões de gênero, sexualidade e violência são aspectos fundamentais para entendermos





como se desenvolvem e se estruturam as dinâmicas sociais, se por um lado, há necessidade de novos direitos e mudanças sociais que atendam melhor a população, por outro, não se pode esquecer que os direitos e mudanças já estabelecidos estão sempre em risco e precisam ser defendidos continuamente.

Enquanto as agendas de extrema-direita e o conservadorismo se intensificam ao redor do mundo, seus reflexos podem ser percebidos em fatores como o aumento das violências e de manifestações explícitas de discriminação baseadas em discursos de ódio e intolerância.

Com o recrudescimento das pautas conservadoras a violência direcionada para questões de gênero, raça e classe tornam-se ainda mais frequentes e furiosas, a sexualidade recebe controle de todas as esferas (política, médica, religiosa, familiar). Seria uma reação ao avanço das pautas progressistas ou uma ação de ataque?

O presente eixo propõe uma abordagem interseccional para explorar as complexas relações entre esses três conceitos, pensando a violência em seus registros interpessoal, institucional e simbólico.

Com isso, pretendemos reunir pesquisas e vivências que abordem temas relacionados à violência articulada a relações sociais marcadas por gênero e sexualidade e, a intersecção com raça, classe, geração, territorialidade, bem como temas relacionados à violência sexual, violência institucional e/ou simbólica, discurso de ódio, desigualdades.

18 Gênero e Educação

Coordenadoras: Juliana Oliva e Mariana Sombrio

Este eixo tem como foco principal temáticas e questões de gênero que atravessam tanto a formação que marca a constituição dos sujeitos, como o processo de assimilação do conhecimento e da cultura por meio do trabalho educativo institucionalizado. O eixo Gênero e educação abrange não apenas as problemáticas de gênero, mas também da compreensão do corpo e da sexualidade, colocando em questão o binarismo masculino-feminino, ao tomar o indivíduo a partir de sua experiência vivida e desejo. Da impossibilidade de adequação de homens e mulheres, por suas experiências vividas em seus corpos, a ideais de feminilidade e

Organização





masculinidade, à contestação, e também à recusa, dos termos "homem" e "mulher", passando por lesbianidades, experiências trans e identidades dissidentes, busca-se discutir a construção histórico social do binarismo de gênero e seus efeitos devastadores que permeiam as mais variadas ações que visam educar. Serão bem-vindos trabalhos ou relatos de experiências que tratem das diversas implicações relacionadas aos gêneros, corpos e sexualidades em espaços educativos, sejam no ensino básico, universitário ou em espaços não formais de educação, no âmbito da história, da filosofia, entre outras ciências humanas e sociais, considerando a interdisciplinaridade do tema. Interessam-nos também estudos sobre a constituição de campos disciplinares dentro dos espaços acadêmicos e as influências que os papéis e questões de gênero desempenharam nesses processos formativos.

19 Identidades dissidentes: diversidade sexual e de gênero entre povos e comunidades tradicionais, minorias étnicas e culturas não-ocidentais

Coordenadoras: Kigéw Puri

Tibira, cudina, hijra, two-spirit... essas palavras são conhecidas por aquelas pessoas que se dedicam aos estudos de gênero e sexualidade em diferentes contextos socioculturais, mas acima de tudo, são assumidas por pessoas de grupos étnicos específicos que utilizam termos em suas próprias culturas e línguas para se nomear. Conforme a universalidade e a visão binária de gênero são cada vez mais questionadas dentro e fora do ambiente acadêmico e da arena política - o que levanta debates, conflitos e reações -, erguem-se as vozes de pessoas que vivem em contextos que resistem aos avanços da colonização, afirmando sua existência e re-existência; desafiando, com sua própria presença, as visões normativas da colonialidade. Mesmo no interior das sociedades coloniais ou colonizadas resistem e insurgem identidades marginais - travestis, bichas, sapatões, tomboys, boycetas, etc. -, cujas experiências subjetivas das pessoas que assim se identificam são complexificadas ao serem inseridas em subculturas, grupos religiosos ou minorias étnicas. Entre os diferentes povos e comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, ciganos, povos de terreiro...), essas identidades se chocam, se misturam ou se amalgamam às compreensões nativas sobre corpo, sexo e gênero, num

Organização





complexo jogo onde as mediações culturais e identitárias são muitas e diversificadas. Portanto, neste eixo temático, buscamos acolher, dialogar e discutir relatos pessoais, etnografias, histórias de vida, pesquisas e outros trabalhos que versem sobre identidades de gênero e sexualidades dissidentes em contextos socioculturais diversos, como experiências LGBTQIAP+ em comunidades indígenas, quilombolas, ciganas, migrantes ou em outras minorias étnicas e/ou religiosas; bem como identidades de gênero próprias de contextos culturais específicos (como os já citados tibirá, cudina, hijra, two-spirit, entre outros), sejam no interior de suas próprias culturas ou nos atravessamentos com os efeitos do colonialismo, da colonialidade ou em contexto migratórios e/ou urbanos.

20 Feminismos e Agroecologia

Coordenadoras: Coletivo Cru Solo, Coletivo Rural - Urbano de Solidariedade Orgânica, Coletivo CRU - Diadema, Coletivo Rural - Urbano - Associação Oeste Diadema, SOF Sempreviva organização feminsita

A agroecologia vai além da alternativa aos modelos de agricultura industrial, sendo também uma proposta de transformação social que busca a justiça ambiental, a soberania alimentar e o fortalecimento de relações de gênero mais igualitárias. As agricultoras rurais e urbanas, são protagonistas das práticas agroecológicas baseadas na diversidade, no manejo ecológico dos solos, na ciclagem de nutrientes, na distribuição e preparo dos alimentos que compartilham o sabor e a comida boa. As contribuições econômicas e os conhecimentos das mulheres ainda são negados pelo patriarcado e o colonialismo que justificam modelos de agricultura industrial e produtivista e dificultam o acesso das mulheres à terra e aos meios de reprodução da vida.

As mulheres do campo e da cidade têm se organizado em movimentos socioterritoriais que buscam uma aliança entre os oprimidos do campo e da cidade, a luta pelo território e a luta pela igualdade de gênero, como a Marcha das Margaridas. Ao se encontrarem e recriarem o feminismo, este sujeito político “feministas da agroecologia” instigaram o movimento agroecológico a reconhecer a produção realizada pelas mulheres na casa, terreiro e quintal e a

Organização





se comprometer com territórios livres de violência contra as mulheres nas comunidades e no próprio movimento. Convidaram o movimento feminista a pensar que os ultraprocessados são uma falsa solução à sobrecarga das mulheres dada a responsabilidade individualizada nas famílias e dentro delas, nas mulheres pelo trabalho doméstico.

Este eixo convida a refletir sobre a importância da aliança campo-cidade, com independência de classe e de estratégias emancipatórias que integrem a perspectiva de gênero na promoção de práticas agroecológicas, ampliando o entendimento sobre a relação entre feminismo e agroecologia. O que temos feito e pensado para construir territórios e coletivos que articulem agroecologia e feminismo no caminho da soberania alimentar e justiça climática, no campo e na cidade?

21 Biopolítica, Justiça Reprodutiva e Sexualidade

Coordenadoras: Luciana Palharini e Alessandra Teixeira

A partir da “caixa de ferramentas” de Foucault, sua analítica do poder e seu conceito de biopolítica e de dispositivo de sexualidade, que se reinventam continuamente para controlar os corpos das mulheres e gêneros dissidentes, neste eixo pretendemos reunir discussões sobre biopolítica e seus desdobramentos para a sexualidade, a saúde e a justiça reprodutiva. Propomos reunir debates que examinem as múltiplas estratégias de poder e seus atravessamentos na regulação das populações e dos corpos, a partir das esferas jurídicas, biomédicas e/ou socioculturais que atuam na produção de subjetividades e na delimitação do acesso e liberdade dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos. Convidamos abordagens que considerem o gênero como categoria analítica e como construção social, que perpassa todo o cenário social e se infiltra em todas as camadas da vida, seja no cuidado das pessoas e no trabalho reprodutivo não-remunerado, seja na desigualdade de gênero e nas suas interseccionalidades de raça, classe, sexualidade, geração, nacionalidade e capacidade, entre outras, que evidenciam assimetrias e (in)justiça reprodutiva. Serão aceitos trabalhos frutos de pesquisas teóricas ou empíricas, concluídas ou em andamento, acerca de temáticas, tais como: políticas de controle populacional; história e sociologia das práticas biomédicas; saúde e

Organização





sexualidade da população LGBTQIAP+; criminalização do aborto e autonomia reprodutiva; violência obstétrica; racismo institucional na saúde; violência policial contra jovens negros e periféricos; políticas e estratégias coletivas de cuidados; discursos e movimentos anti-gênero e antifeministas; movimentos de mulheres, feministas, queer, LGBTQIA+ e decoloniais; além de análises acerca de como os discursos normativos sobre a sexualidade se inscrevem nos corpos e na sociedade, perpetuando desigualdades ou, em suas linhas de fuga, possibilitando a emergência de formas de resistência e reivindicação de direitos.

Organização

